

1 Apresentação

O meu interesse em conhecer uma prática mídia-educativa¹ desenvolvida por jovens moradores de comunidades urbanas de baixa renda foi motivado pelo debate sobre os modos como a sociedade contemporânea, especialmente na América Latina, vem lidando com a complexa trama que articula comunicação, cultura e política. Parto do pressuposto de que a comunicação possui forte dimensão educativa e neste sentido as práticas educativas que envolvem os meios de comunicação podem ser consideradas elemento-chave dessa trama.

Circunscrita no campo da mídia-educação, esta pesquisa descreve e analisa uma prática mídia-educativa, inserida no âmbito da educação não-formal, desenvolvida pela organização não-governamental Bem TV. Trabalhando diretamente com jovens, a ONG tem contribuído para o desenvolvimento de significativas experiências de intervenção social no campo que articula comunicação e educação.

A realização de um estudo de caso de tipo etnográfico do grupo de jovens Nós na Fita, projeto permanente da Bem TV, surge porque os jovens protagonizam uma específica prática mídia-educativa (a TV de rua e a oficina de TV e vídeo 2004) com outros jovens e moradores do Morro do Preventório, em Niterói, no Estado do Rio de Janeiro. Acreditando que experiências como a do Nós na Fita são capazes de evidenciar a dinâmica do processo que articula comunicação, cultura e política na América Latina, justifico a relevância deste trabalho para o campo da mídia-educação.

Martín-Barbero (2003) auxilia-nos a refletir sobre a importância da educação se debruçar sobre os complexos processos de comunicação da sociedade atual, indo além do uso instrumental dos meios na escola:

Os meios de comunicação e as tecnologias de informação significam para a escola, sobretudo, um desafio cultural, que deixa visível a brecha cada dia maior entre a cultura a partir da qual os professores ensinam e aquela outra

¹ Entendo como prática mídia-educativa as experiências, ações e projetos de educação que, tanto no âmbito formal como informal, trabalham na interseção da comunicação com a educação, se utilizando dos meios de comunicação como mediadores de um processo de ensino-aprendizagem, possibilitando que crianças, adolescentes e jovens tornem-se “produtores” de produtos midiáticos. (Feilitzen, 2002; Belloni, 2001, Rivoltella, 2001).

a partir da qual os alunos aprendem. Pois os meios de comunicação não somente descentralizam as formas de transmissão e circulação do saber, mas constituem um âmbito decisivo de *socilaização*, de dispositivos de identificação/projeção das pautas de comportamento, estilos de vida e padrão de gostos (idem: 67).

Cabe afirmar que a educação necessita não apenas compreender as relações entre o sistema educativo e o ambiente educativo difuso e descentralizado em que estamos imersos, mas também e, principalmente, reconhecer a *tecnicidade midiática como dimensão estratégica da cultura* (idem). Para isso, o autor sugere que o campo da educação só poderá inserir-se nos processos de mudança, que a sociedade atravessa, se disponibilizar a interagir com os campos de experiências nos quais se processam hoje as mudanças.

Nesta perspectiva, o pesquisador latino-americano traz valiosas contribuições ao campo da mídia-educação. Torna-se estratégico se aproximar dos novos modos de estar juntos que, segundo ele, vêm sendo construídos principalmente no campo dos movimentos sociais, com ênfase nas experiências dos grupos juvenis contemporâneos.

É no mundo dos jovens urbanos que se fazem visíveis algumas das mudanças mais profundas e desconcertantes de nossas sociedades contemporâneas. (...) Os Jovens vivem hoje a emergência de novas sensibilidades, dotadas de uma nova especial empatia tecnológica (idem:66).

Essa *empatia tecnológica* se entrecruza com a *empatia cognitiva* - feita de uma grande facilidade na relação com as tecnologias audiovisuais - o que Martín-Barbero (2003) denomina de *cumplicidade expressiva*, na qual os relatos e imagens, as sonoridades, fragmentações, velocidades e os ritmos dos jovens produzem novas *comunidades que respondem a novos modos de perceber e de narrar as identidades*. Aqui, se encontram, então, a *natureza comunicativa da cultura* e o comunicador, que deixa de ser o intermediário e passa a assumir o papel de mediador:

Aquele que torna explícita a relação entre diferença cultural e desigualdade social e a partir daí trabalha para fazer possível uma comunicação que diminua o espaço das exclusões ao aumentar mais o número de emissores e criadores do que o dos meros consumidores (idem: 69).

Sendo assim, a comunicação neste trabalho é percebida como a *colocação* em comum de sentidos da vida e da sociedade:

Comunicar foi e continuará sendo algo muito mais difícil e amplo que informar, pois comunicar é tornar possível que seres humanos reconheçam outros seres humanos em duplo sentido: reconheça seu direito a viver e pensar diferente, e reconheçam a si mesmos nessa diferença, ou seja, que estejam dispostos a lutar a todo momento pela defesa dos direitos dos outros, já que nesses mesmos direitos estão contidos os próprios (2003: 70).

Acompanhar a experiência do grupo de jovens Nós na Fita tornou-se uma oportunidade ímpar para penetrar nos modos como esses jovens interagem com a tecnicidade midiática, especialmente quando realizam vídeos, e nas maneiras com que significam as novas formas de estar junto que eles mesmos criam. Desta forma, busco me aproximar desse fenômeno contemporâneo, que extrapola os domínios institucionais do ensino escolar, mas talvez possa contribuir à educação, na medida em que evidencia os modos como os jovens se tornam comunicadores re-significando o campo da cultura.

Na primeira parte do trabalho, conto como se deu a minha aproximação com o campo da mídia-educação, destacando algumas das suas características de um campo em configuração. Em seguida, apresento o percurso da pesquisa: a construção do objeto; os caminhos que me levaram ao campo empírico e à opção pelo estudo de caso; a escolha da ONG Bem TV e do grupo de jovens Nós na Fita; as opções metodológicas; a descrição de como foi realizado o trabalho de campo e, por fim, a entrada da câmera no processo da pesquisa.

Na segunda parte, apresento o contexto em que este estudo de caso está inserido, ressaltando as características do Morro do Preventório e as condições sócio-econômico-culturais dos jovens moradores dessa comunidade. Depois, conto a história e a trajetória dos atores envolvidos, destacando as especificidades de serem jovens protagonistas.

Na terceira parte, encontram-se a apresentação do trabalho de campo e algumas reflexões sobre o grupo Nós na Fita, privilegiando, em primeiro lugar, a TV de rua que protagonizam e os debates sobre comunicação comunitária, participativa, alternativa e popular e os processos de mediação que marcam a realização de vídeos desse grupo. Logo depois, destaco dois complexos conflitos: a relação dos jovens com a ONG, no âmbito do processo de construção de autonomia, focando as tensões entre tutela e orientação e a relação dos jovens com a linguagem audiovisual, na qual há uma tensão entre a mobilização social comunitária e a possibilidade de expressão criadora.

Na quarta parte, foco especificamente uma prática mídia-educativa protagonizada pelos jovens do grupo – a oficina de TV e vídeo 2004 – destacando algumas questões teórico-metodológicas que envolvem essa experiência educativa: a centralidade do sujeito; os diálogos entre capacitação técnica e mobilização social em tensão; a idéia de uso social dos meios; o processo de produção e realização dos vídeos dos alunos; a ênfase no trabalho em grupo; as possibilidades de construção coletiva de conhecimentos e, por fim, volto ao tema da expressão criadora, inclusive no campo da mídia-educação, destacando o papel do mídia-educador frente às práticas mídia-educativas.

Na quinta parte, algumas considerações finais a respeito da experiência e de possíveis contribuições ao campo da mídia-educação.